

8 Opinião

redacao@jornalpequeno.com.br | www.jornalpequeno.com.br

COMUNICAÇÃO

CERITA CERAMICA INDUSTRIAL ITA LTDA, CNPJ 07.353.238/0001-40, torna público, que RECEBEU junto a SECRETARIA DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE E RECURSOS NATURAIS – SEMA, a Renovação da Licença de Operação (REN-LO) para atividade de Extração de materiais para construção não especificados anteriormente conforme e-Processo nº 66398/2023, localizada no imóvel denominado São Benedito, na Rodovia Br-135, Km 53, município de Bacabeira - MA.



EDITAL DE CONVOCAÇÃO

Assembleia Geral Ordinária do SINFAMA

O Presidente do Sindicato dos Servidores da Fiscalização Agropecuária do Estado do Maranhão – SINFAMA, no uso de suas atribuições estatutárias, convoca todos os servidores públicos da categoria Atividade de Fiscalização Agropecuária – AFA, para a Assembleia Geral Ordinária, a realizar-se no auditório do SINFAMA, localizado na Av. Castelo Branco, Edifício Comercial São Francisco, 333, sala 8, térreo – São Francisco, São Luís – MA e através da plataforma digital denominada meet google no link <https://meet.google.com/vkj-dafz-inj> dia 06 de abril de 2024, a partir das 08:00 horas, em primeira convocação; e das 08:30 horas, em segunda convocação, com o quórum previsto no Estatuto Social da entidade, a fim de apreciar e deliberar sobre a seguinte pauta:

- 1 – Apreciação da prestação de contas de março de 2023 a fevereiro 2024;
- 2 – Aprovação do planejamento financeiro para o período março de 2024 a fevereiro de 2025;
- 3 – Outros assuntos pertinentes ao poder decisório da Assembleia.

São Luís (MA), 27 de março de 2024.

[Assinatura]
Diego do Amaral Sampaio
Presidente do SINFAMA



EDITAL DE CONVOCAÇÃO ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

O Presidente do Sindicato dos Servidores da Fiscalização Agropecuária do Estado do Maranhão – SINFAMA, no uso de suas atribuições estatutárias, convoca todos os servidores públicos da categoria Atividade de Fiscalização Agropecuária – AFA, para a Assembleia Geral Extraordinária, a realizar-se no auditório do SINFAMA, localizado na Av. Castelo Branco, Edifício Comercial São Francisco, 333, sala 8, térreo – São Francisco, São Luís – MA e através da plataforma digital denominada meet google no link <https://meet.google.com/vkj-dafz-inj> dia 06 de abril de 2024, a partir das 9:30 horas, em primeira convocação; e das 10:00 horas, em segunda convocação, com o quórum previsto no Estatuto Social da entidade, a fim de apreciar e deliberar sobre a seguinte pauta:

- 1- Informes Gerais e de Conjuntura;
- 2- Apresentação detalhada da situação das ações judiciais do SINFA em tramitação;
- 3- Discussão e deliberação sobre a pauta de reivindicações da categoria em tramitação com o governo do Estado e;
- 4- Encaminhamentos finais.

São Luís (MA), 27 de março de 2024.

[Assinatura]
Diego do Amaral Sampaio
Presidente do SINFAMA



EDITAL DE CONVOCAÇÃO DE ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA DO SINDICATO DOS AUDITORES FISCAIS DA RECEITA ESTADUAL DO MARANHÃO – SINDAFTEMA.

O Presidente do Sindicato dos Auditores Fiscais da Receita Estadual do Maranhão – SINDAFTEMA, no uso de suas atribuições e considerando as disposições do artigo 19, alínea "a" combinado com os artigos 20 e 23, alíneas "a" e "b" deste último, do Estatuto Vigente, convoca os filiados, em pleno gozo de seus direitos, para se reunir no dia 08 de Abril de 2024 (Segunda-feira), em Assembleia Geral Extraordinária, a ser realizada na cidade de São Luís/MA, no auditório da Ordem dos Advogados do Brasil - Maranhão, OAB MA, localizada na Rua Dr. Pedro Emanuel de Oliveira, Nº 01, Cathas, CEP: 65.076-908. A abertura da Assembleia Geral será realizada às 9h, em primeira convocação, com maioria absoluta dos seus filiados, em dias com suas obrigações sindicais, e em segunda convocação às 9:30h, com qualquer número, para tratar da seguinte pauta:

- a) Informes e novas deliberações sobre a gratificação de aumento de produtividade.

São Luís - MA, 02 de Abril de 2024.

Landimar de Jesus Santos Rabelo Filho
Presidente do SINDAFTEMA

Um retrato do Rio de Janeiro pela inglesa Maria Graham

PEDRO HENRIQUE MIRANDA FONSECA

A desenhista e escritora inglesa Maria Graham (1785 – 1842) esteve no Rio de Janeiro em três ocasiões. A primeira em 1821; a segunda em 1823, após uma permanência no Chile, onde enviou, e a terceira em 1824, quando retorna da Inglaterra para assumir o posto de Preceptora da futura rainha de Portugal, Maria da Glória, contratada que fora pela imperatriz Leopoldina. Nesta função encontrou resistência e ciúmes por parte de áulicos de Dom Pedro I, o que resultou em sua incompatibilidade com o imperador, acabando por se demitir, deixando o Palácio de São Cristóvão indo residir na Rua dos Pescadores (atual Visconde de Inhaúma) e posteriormente em Laranjeiras, na encosta do Corcovado, retornando à Inglaterra em fins de 1825.

Das suas estadas no Rio de Janeiro resultaram duas obras: o Diário de viagem e uma ligeira biografia do nosso primeiro imperador. Chegou ao Rio de Janeiro, pela primeira vez, num sábado, 15 de dezembro de 1821 e, como outros viajantes, ficou encantada com a Baía de Guanabara e não escondeu o seu deslumbramento: “Nada do que vi até agora é comparável em beleza à baía. Nápoles, o Firth of Forth (estúário do rio Forth no Reino Unido), o porto de Bombaim e Trincomalee (cidade do Sri Lanka), cada um dos quais julgava perfeito em seu gênero de beleza, todos lhe devem render preito porque esta baía excede cada uma das outras em seus vários aspectos.” As montanhas, que pareciam colunas superpostas, as luxuriantes florestas, as ilhas floridas, as construções brancas, os morros encimados por igrejas ou fortalezas, o movimento do porto, contribuíram para a impressão favorável que teve do cenário ultrapassando, segundo ela, tudo o que a imaginação pudesse conceber. Encantou-se também com a Enseada de Botafogo, que achou “um dos panoramas mais belos do mundo.”

Em 6 de agosto de 1823 visitou a então longínqua praia de Copacabana, de cujo Forte podiam se apreciar belas vistas. Achou as matas (hoje transformadas em selva de pedra e concreto) belíssimas, que produziam uma grande quantidade de cambucás, fruta que caracterizou como excelente; além de gambás e tatus serem frequentes. A Lagoa Rodrigo de Freitas também a encantou, tanto que mereceu um desenho seu, feito em 21 de dezembro de 1821, e a descreve como cercada de montanhas e florestas com uma barra arenosa por onde deságua para o mar. Destacou a vegetação em volta da Lagoa como algo de tal riqueza que ficava difícil conceber cenário mais rico.

A proximidade com a família imperial lhe permitiu frequentar a elite. Além do Palácio de São Cristóvão, conheceu a casa do Barão do Rio Seco (Joaquim José de Azevedo) e da Baronesa de Campos (Ana Francisca Rosa Maciel da Costa). O primeiro foi visitado pela viajante em 6 de maio de 1823, que assim o descreve: “... é situado em terreno elevado, e construído um tanto em estilo mourisco, pintado de amarelo



com molduras brancas. Tem um magnífico panorama, uma portada de pedra de Portland e o pátio plantado com salgueiros chorões, de modo a formar um conjunto de grande beleza no fundo do vale cercado de montanhas altas e pitorescas, a maior das quais é o Bico do Papagaio. A vista do Palácio abrange uma parte da baía (infelizmente não mais), e domina uma agradável planície, flanqueada por férteis colinas, uma das quais é corada por belos quarteis que foram outrora um estabelecimento dos Jesuítas.” Da residência do Barão do Rio Seco, situada na Praça Tiradentes, deixou a seguinte descrição: “... é realmente magnífica. Tem salão de baile, sala de música, uma gruta e fontes, além de aposentos extremamente belos de várias espécies, tanto para uso da família como das visitas, com louças da China e relógios franceses em número bem maior do que pensávamos em exibir, mas não combina mal com as cortinas de seda e as molduras douradas.” Descreveu o interior da residência da Baronesa de Campos, onde esteve para um baile na noite de 15 de agosto de 1823: “... uma sala de jantar magnífica pelas dimensões, mas escassamente mobiliada em comparação com o resto da casa. Os quartos de dormir e de vestir das senhoras são simples e elegantemente dispostos, com mobília inglesa e francesa...” O luxo abundava nas classes abastadas.

Como boa inglesa visitou, em 29 de setembro de 1823, o cemitério de seus compatriotas situado na Gamboa e que julgou “um dos lugares mais deliciosos” que jamais contemplou, oferecendo um lindo panorama em todas as direções. A paz e o silêncio reinantes neste tipo de lugar certamente contribuíram para a sensação de delícia experimentada pela viajante. Das instituições culturais destacou bibliotecas, o Museu de História Natural e o Jardim Botânico. Em relação às bibliotecas visitou a Nacional e duas particulares: a do Conselheiro Luís José de Carvalho e Melo, desembargador da Relação do Rio de Janeiro e a de José Bonifácio. A Nacional foi visitada em duas ocasiões: 18 e 19 de setembro de 1823. Achou os bibliotecários extremamente polidos, ficando a biblioteca aberta ao público por seis horas diárias. O gabinete que lhe foi destinado em sua segunda visita era fresco e agradável e ali lhe foi entregue o livro solicitado, com pena e papel para tomar notas. O acervo era composto de sessenta e setenta mil volumes e os assuntos principais eram Direito, Teologia, narrativas dos Jesuítas a respeito da América do Sul, História Geral, História

Natural e boas edições dos clássicos. Mereceu destaque da visitante a bellissima coleção de impressos topográficos de todas as partes do mundo, adquirida da biblioteca do Conde da Barca. Confessa que a Biblioteca Nacional foi-lhe fonte de grande satisfação, ficando ali uma média de quatro horas, estudando, principalmente, História portuguesa e brasileira. O acervo da biblioteca do Conselheiro Carvalho e Melo era constituído, em sua maioria, naturalmente por Direito, mas também havia História e Literatura, principalmente francesa.

O acervo da biblioteca de José Bonifácio era bem provido de livros em todas as línguas, destacando-se os de Química e Mineração de autores alemães e suecos e os clássicos. Não nos esqueçamos que o Patriarca da Independência era mineralogista e também poeta, representando, portanto, a sua biblioteca uma extensão de si mesmo, dizendo muito sobre o seu proprietário. Do Museu de História Natural destacou os minerais como a parte mais rica, ficando vivamente impressionada com os diamantes e os cristais de ouro, além do cobre, ferro, ametistas, topázios, quartzos e jaspes, tudo digno, nas palavras da viajante, da “Caverna de Aladim.” Do ramo ornitológico destacou os tucanos e lamentou a ausência de outros pássaros num país de rica fauna. Dos quadrúpedes registrou a presença de macacos, corças e tatus. Achou a coleção de armas indígenas incompleta e desarrumada, sendo os artefatos africanos bem conservados, destacando um trono magnificamente lavrado. Na visita ao Jardim Botânico, confessa-se contente em ver muitas plantas nativas sendo cultivadas, como cambucá, jabuticaba, grumixama, da qual se fazia excelente licor, além das exóticas cânfora e cravo da Índia.

Na noite de 3 de maio de 1823, a convite de sua amiga Baronesa do Rio Seca, compareceu ao teatro São Pedro de Alcântara (atual João Caetano) para assistir à peça Lodoiska (reunião de duas óperas estreadas em 1791. Uma é comédia heroica e a outra é dramática) sem as canções e nada digno de nota. E depois foi representada a peça “A descoberta do Brasil”, que a deixou muito emocionada. Apareceu Cabral e os seus oficiais logo após o desembarque, o seu encontro com os primitivos habitantes da terra e o hasteamento da bandeira branca com a cruz vermelha de Cristo. A iluminação e a decoração deram um aspecto esplêndido ao interior do teatro. Na plateia as senhoras exibiam diamantes e plumas. Residindo por um tempo no Palácio de São Cristóvão, enquanto foi preceptora da princesa Maria da Glória, teve oportunidade de presenciar o almoço de Dom Pedro I, que era composto de toucinho, arroz, couve, batata inglesa ou doce, pepinos cozidos, carne assada, tudo arranjado separadamente no mesmo prato. Havia também a indefectível sopa, temperada com alho, pimenta e verdura. Tinha massas, carne de porco e aves, que eram, segundo a viajante, sempre boas. Notou a raridade do carneiro no cardápio imperial. Realmente

o carneiro era muito pouco consumido no Rio de Janeiro. Ela mesma só degustou um número Fazenda no Campo dos Afonsos, criação própria, que estava muito macio. Existia forte preconceito religioso, pois era considerado o Cordeiro de Deus. A bebida consumida era o vinho do Porto ou licores franceses. A sobremesa era geralmente frutas ou doces. Notou o hábito de beber chá, além do café. Participou de um na casa da Baronesa de Campos, servido numa grande mesa, com várias qualidades de pães, bolos, torradas amanteigadas, rosas e doces de várias espécies.

A escravidão, assim como a outros viajantes, lhe chamou particularmente a atenção. Esteve no mercado de escravos no Valongo, onde se deparou com criaturas sentadas em bancos, de cabeça raspada, corpos magros, pálidos, com sinais de sarna. Implorou aos senhores de escravos que refletissem sobre os males da escravidão, não somente para os escravizados, mas também para os próprios senhores e suas famílias. Tal apelo, como era de se esperar, caiu em ouvidos moucos. Quando morou em Laranjeira descobriu que era vizinha de um Quilombo nas matas do Corcovado, do qual se tornou cliente, através da sua escrava Ana, comprando viveres deles. Em relação à religião católica notou a corrupção e a imoralidade do clero. O que acontece nos dias atuais não é exatamente uma novidade. No quesito sanitário destacou a grande mortalidade dentre os doentes internados na Santa Casa, principal hospital na época, causada em grande parte pela tuberculose. Quanto aos divertimentos, a festa que considerou a mais alegre foi na véspera de São João, que ocorreu próximo a sua casa em Laranjeiras. Os escravos de três propriedades próximas com os seus instrumentos musicais dançavam e cantavam, observados pelos senhores, que bebiam chá, comiam doces e conversavam. Um pouco antes da meia-noite a porta da Capela foi aberta e foi executado um belo ofício regido pelo compositor português Marcos António Portugal. Os senhores ficavam no interior da Capela, enquanto os escravos ficavam ajoelhados do lado de fora. Terminado o ofício se dirigiram para o terreiro, onde havia uma palmeira trazida da floresta sustentada por cordas e cercada por uma grande quantidade de madeira seca. Dado um sinal, o feitor pôs fogo a uma cadeia de foguetes que deram à palmeira um colorido vistoso. Foi ateado fogo na madeira seca e à medida que esta queimava, serpentes, foguetes, rodinhas e flores dardejavam dela até que veio abaixo com um grande estrondo. Após o término do espetáculo foi servido uma ceia que a viajante classificou como esplêndida.

Este é o Rio de Janeiro da década de vinte do século XIX retratado realisticamente pela inglesa Maria Graham.

FONTES: GRAHAM, MARIA – ESCORÇO BIográfico DE DOM PEDRO I COM UMA NOTICIA DO BRASIL E DO RIO DE JANEIRO EM SEU TEMPO. ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO VOLUME 60: 67 - 176, 1938. DIÁRIO DE UMA VIAGEM AO BRASIL, TRADUÇÃO DE AMÉRICO JACOBINA LACOMBE, BELHORIZONTE, EDITORA ITALIANA; SÃO PAULO, EDITORA DA USP, 1990. RIO DE JANEIRO, TERÇA-FEIRA, 5 DE MARÇO DE 2024, ÀS 15:30 HORAS.

ALUGA-SE PARA EVENTOS

TEMPORADAS E FINAIS DE SEMANA. RESERVE AGORA:

Piscina, campo de futebol, churrasqueira e toda estrutura que você merece.

99974-4522 / 98725-9606 / 98109-5310